

ALBERGUES: um plural muito pobre

Uma palavra evocada no plural, normalmente remete nossa fantasia para além do aspecto meramente numérico. No caso de **Albergue(s)**, dificilmente o senso comum ultrapassaria essa fronteira. Mais do que isso: será que um olhar mais acurado junto a muitos albergues da nossa realidade traria novidades capazes de romper a barreira do quantitativo? Suspeitamos que não. Afinal de contas, todos nós fazemos uma idéia do que seja seu público, das demandas por ele apresentadas, e, sobretudo, da rotina que caracteriza tal instituição - o questionário na entrada, o banho, a sopa, os horários para entrar e sair, o pernoite e as normas da casa. Nesse sentido, o imaginário que se criou em torno dos albergues pode ser considerado um tradutor muito próximo da verdade dos fatos.

Nos últimos tempos, afloraram novas experiências de trabalho alternativo junto à população alvo dos albergues, tais como as Casas de Convivência na cidade de São Paulo, bem como outras iniciativas espalhadas país afora. Curioso observar, porém, que tais práticas não despontaram a partir de inovações ocorridas no interior dos albergues, mas sim de fora deles, como contraposição aos mesmos. Será pois a instituição albergue condenada à mesmice? A questão está posta.

Mas se o singular caracteriza essa instituição, seu público é extremamente plural, sobretudo quando o migrante entra em cena. Quem sabe não resida aí um ponto de partida capaz de romper minimamente a rigidez dessa organização que em muito se assemelha às instituições totais! O foco das atenções deveria, pois, recair sobre os albergados. Mas não será essa - a de albergados - uma identidade que, a partir de fora, se impõe também como sufocadora da pluralidade?

Sem a pretensão de traçar diretrizes, deixemos que os autores que se debruçaram sobre a realidade - albergue/migrante - nos falem do que observaram.

A Márcia oferece-nos um perfil dos migrantes que buscam os albergues numa fatia do interior do Estado de São Paulo que é a região de Sorocaba. A Maria Cristina fala-nos da Casa de Passagem da cidade de Presidente Prudente, na divisa de São Paulo com o Mato Grosso do Sul; conta-nos da sina dos migrantes que passam a depender do albergue e coloca-nos, ao longo do artigo, na escuta de agentes que atuam na Casa. A Ana Cristina situa-nos diante daqueles que, na cidade de São Paulo, após perderem o trabalho, a família e o espaço do lazer, a partir do albergue - limiar da rua - ainda vivenciam estas realidades sob a forma de representações.

Dois outros textos, elaborados por integrantes do CEM - Cutti e Dornelas - constituem quase que um especial. Voltam-se para a AVIM - Associação de Voluntários pela Integração dos Migrantes, uma instituição ligada à Pia Sociedade dos Missionários de São Carlos, da qual o CEM faz parte. Trata-se de uma entidade voltada explicitamente para o migrante, mas que ao longo de sua trajetória alterou profundamente sua filosofia de ação, reduzindo todo seu trabalho às práticas de um albergue onde o migrante, mais uma vez, viu-se diluído em carente. O fato do CEM, juntamente com outros pesquisadores, estar desenvolvendo uma pesquisa sobre a AVIM, aliado à preocupação dos missionários carlistas em redimensionar a forma do atendimento dispensado pelo albergue, motivou a elaboração de algumas reflexões críticas, feitas a partir de alguns aspectos revelados pela pesquisa, com a finalidade de também contribuir junto aos que hoje estão à frente da instituição.

Dirceu Cutti